

TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)

Adriano Neris da Silva ¹

RESUMO

Este artigo busca discutir acerca da importância das tecnologias no ensino de História durante o recorte temporal da pandemia, destacando a aprendizagem, observando o papel das tecnologias e das novas metodologias do ensino. Pautamos nas experiências dos estágios, acompanhando de perto esse processo educacional, buscando compreender o impacto da pandemia de Covid-19 na educação, que sofreu grandes mudanças e inovações devido ao fechamento das escolas para evitar a propagação do vírus da covid. O ensino à distância expôs desigualdades sociais e digitais, afetando o acesso à educação de alunos com recursos limitados. Nesse sentido, este trabalho visa dar ênfase aos modelos pedagógicos digitais que foram utilizados no modelo de ensino remoto e presencial (pós-pandemia). A proposta é entender a educação na pandemia e esse modelo adaptado para a realidade vivenciada, focando em habilidades que ajudam os alunos a lidar com desafios complexos do mundo moderno. Foi realizada uma análise sobre o impacto da tecnologia e o peso de sua ausência na vida do aluno. Para isso, foi utilizado o método etnográfico observando de perto esse acontecimento, utilizando a sala de aula como laboratório de pesquisa, além de questionários, que foram aplicados com os alunos para a sondagem de hipóteses levantadas durante a pesquisa de campo.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19; Tecnologias; Ensino de História.

INTRODUÇÃO

A pandemia do Covid-19 afetou a sociedade de várias maneiras e causou grandes perturbações em todas as suas estruturas. A educação passou por várias transformações que levaram a uma série de inovações e consequências, uma vez que as formas de interações entre professores e alunos mudaram drasticamente com o ensino remoto. Segundo a UNESCO (2022), a pandemia afetou mais de 1,5 bilhões de alunos, cujas escolas foram fechadas para evitar a propagação do vírus, alunos e funcionários das escolas tiveram que se adaptar e reformular seus modelos educacionais e modos de vida.

Na educação, podemos destacar o impacto que o Ensino Médio já vinha sofrendo, porém antes disto nos cabe discorrer um pouco acerca dele. Segundo o artigo 35 da Lei 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, o Ensino Médio é o final da etapa da Educação Básica que tem por objetivo a consolidação e o detalhamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, além, é claro, da preparação básica para a cidadania. Como parte final da Educação Básica brasileira, o Ensino Médio deve também, conforme aponta Menezes (2021), garantir formas de ensino que estimulem a autonomia² dos alunos, além de promover a preparação destes para o trabalho em sociedade.

¹ Graduando do Curso de história da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, adriano.neris@aluno.uepb.edu.br;

² A autonomia destacada retoma a uma ideia destacada por Freire, em “Pedagogia do Autonomia”, em que retrata uma busca por autonomia como uma ideia de amadurecimento

³ Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (FREIRE, 1996).

METODOLOGIA

Fiz uso, ainda, de uma pesquisa de campo. Junto aos alunos dos municípios da 2ª Regional de Ensino, utilizamos formulários semiestruturados do Google Forms que foram aplicados no mês de maio de 2023 com 58 alunos a fim de agregar dados reais a nossa discussão. Pois, para Severino (2007, p 123), “na pesquisa de campo o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio” desta feita nos coube agregar dados diretamente dos alunos em questão.

Nesta pesquisa de campo, os questionários foram aplicados com os estudantes do Ensino Médio³, mais precisamente das escolas públicas E.E.E.F.M. João de Freitas Mouzinho e E.E.E.F.M.N. Pedro Targino da Costa Moreira, localizadas na cidade de Sertãozinho e Cacimba de Dentro, na Paraíba, os quais a faixa etária dos alunos estavam na dos 15 aos 20 anos. Em sua maioria alunos de zona rural com média salarial familiar de 1 a 2 salários mínimos com realidades semelhantes em ambas as escolas.

A aplicação de questionários serve como base de dados tanto de uma pesquisa qualitativa quanto quantitativa, embora adotemos aqui o modelo qualitativo, pois atende às necessidades de suscitar informações para construir todo um arcabouço de um estudo científico, especialmente nas Ciências Humanas.

REFERENCIAL TEÓRICO

USOS DA TECNOLOGIA NA PANDEMIA: ACESSO E IMPACTOS NO ENSINO

A tecnologia oferece um conjunto de ferramentas indispensáveis para o funcionamento da sociedade e está cada vez mais avançada em todos os setores, inclusive na educação, durante o confinamento pandêmico as ferramentas foram de grande ajuda para auxiliar na quebra da barreira geográfica, ocasionada pela Covid-19. Durante a pandemia o uso de aparelhos celulares foi significativo para o andamento das aulas de

³ Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (FREIRE, 1996).

³ É importante ressaltar que a implementação do Novo Ensino Médio com escolas de tempo integral é uma realidade no Brasil e na Paraíba, porém essa não era uma realidade consolidada no momento da pesquisa.

forma remota, recursos como o *Meet* e *Zoom* ofertaram um ambiente de sala de aula acessível para todos os alunos que dispuserem das tecnologias necessárias para acessá-los.

Oliveira, Silva e Carvalho (2021) destacam que quando considerarmos as condições materiais de escolas, estudantes e professores, sobretudo da escola da rede pública de ensino, é claramente perceptível que depois de um ano de pandemia as escolas e residências não estavam preparadas para esta modalidade de ensino, nem em relação à adequação de espaços, ou acesso a equipamentos de informática e nem mesmo de conexão a uma Internet rápida que pudesse atender professores e alunos.

É fato que as condições socioeconômicas atuam fortemente na relação de aprendizagem dos alunos. Sousa e Adrião (2020) defendem que não devemos ignorar as situações as quais se encontram as famílias, pois as vulnerabilidades existiam antes mesmo da pandemia. E se não há condições econômicas favoráveis, haverá exclusão no ambiente educacional, seja pela falta de recursos ou de qualquer outra necessidade fundamental ao aprendizado.

Durante o ensino remoto emergiu a falta de estrutura para dificultar o processo de ensino aprendizagem como a falta de acesso à Internet e de aparelhos para o acesso ao ensino digital que a pandemia ditou. No entanto, percebemos uma clara desigualdade social, pois por um lado temos alunos com todo suporte educacional (em termos de equipamentos e redes de alta velocidade), por outro lado, temos alunos que carecem de muitos recursos educacionais, econômicos e, sobretudo, de uma estrutura que possibilite o ensino remoto (BARRETO; ROCHA, 2020).

É preciso considerar o acesso dos alunos a equipamentos como celulares e computadores, além de pacotes de Internet que possam permitir a transmissão das aulas. Por outro lado, precisamos considerar a familiaridade dos professores com o manuseio de equipamentos e programas, editar vídeos, etc. Silva (2020) nos revela que essa reflexão envolve uma nova maneira de entender a relação entre ensino e aprendizagem nos moldes que a pandemia ditou e focar nos métodos de ensino mais eficientes para a nova geração que nasceu imersa na tecnologia.

O uso das tecnologias digitais pode ajudar a dinamizar a prática de ensino tendo em vista que a mesma oferece uma gama de opções e se tornam importantes ferramentas didáticas.

As novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa pois podem, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar “fora” – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento. Gadotti (2001, p 13):

Autores como Garcia (2013) e Rischbieter (2009) discorrem a respeito da ideia de que o uso destas tecnologias é essencial para os processos educativos e podem contribuir imensamente para a aprendizagem dos alunos. Infelizmente muitos estudantes não possuíam um celular ou computador para acessar aulas no momento pandêmico que vivemos. Baptista (2020) pontuou que as tecnologias ocupam um importante papel no processo de ensino/aprendizado uma vez que auxiliam a desenvolver estratégias adequadas para o ensino remoto.

Acerca disso devemos considerar o impacto sobre o processo de ensino, como dito pelo Ministério da Educação (2020), quando a educação sofreu efeitos tempestivos por causa da suspensão das aulas e isto fez com que professores e alunos tivessem que se reajustar quase que instantaneamente às novas formas de ensinar e aprender. Nesse contexto, o uso das tecnologias e as aulas remotas surgiram como alternativas a duras penas para dar seguimento às atividades escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os estágios supervisionados foi observado o grande uso de aparelhos celulares em sala de aula, muitos adolescentes usando-os de forma compulsória. Mesmo deduzindo a possibilidade que possa ser um evento natural do mundo globalizado, não podemos negar que a pandemia foi a responsável por acelerar esse processo de uso massivo em nosso país. Segundo o site Extra (2022), os aparelhos celulares passaram de 62% em 2016 para 99,5% dos domicílios com acesso à rede em 2021, e tomaram espaço nas residências frentes aos computadores.

Figuras 1 e 2 – Uso do celular pelos discentes



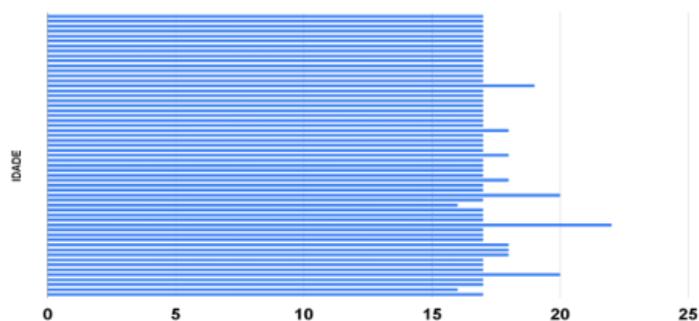
Fonte: O autor (2022)

A experiência vivenciada relata uma sala de aula que acabou de sair do confinamento pandêmico, são as primeiras aulas sem grandes restrições de contato físico, muito do cotidiano da pandemia ainda estava presente no ambiente escolar. Nisso, a necessidade da utilização do celular é visível, pois os alunos aprenderam a usá-lo para tarefas do cotidiano escolar como apresentação de seminários, tirar dúvidas e pesquisar sobre o assunto ministrado pelo professor.

Quanto a nossa pesquisa de campo, ela envolveu 58 alunos do Ensino Médio das escolas E.E.E.F.M. Joao de Freitas Mouzinho e E.E.E.F.M.N. Pedro Targino da Costa Moreira, localizadas nas cidades de Sertãozinho e Cacimba de Dentro, na Paraíba. A faixa etária dos alunos era dos 15 aos 20 anos, conforme apontamos abaixo:

Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos

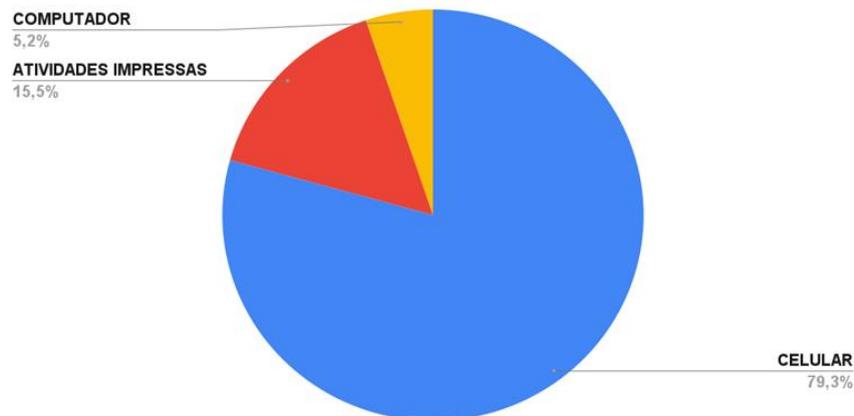
Idade dos alunos participantes da pesquisa.



Fonte: O autor (2023)

Tendo em vista o perfil dos alunos, nos coube descobrir o principal recurso utilizado por eles neste período. A pesquisa realizada demonstrou que o celular, é o principal meio de acesso para as aulas. O celular, na maioria das vezes, é o item mais acessível e barato, por isso representa o meio de acesso com cerca de 79,3% dos estudantes envolvidos na pesquisa. Esse dado se justifica pelo fato da maioria dos alunos estarem em uma situação social vulnerável e que, por isso, precisam recorrer a meios mais acessíveis. Observe o gráfico abaixo:

POR MEIO DE QUAL RECURSO TECNOLÓGICO VOCÊ ACOMPANHOU AS AULAS VIRTUAIS?



Fonte: O autor (2023)

Percebemos então que muitos alunos fazem uso do celular e, neste sentido, à luz do pensamento de Alves, Santos e Freitas (2017, p. 10), podemos perceber que “as tecnologias, nesse sentido, são compreendidas como instrumentos culturais simbólicos que permitem que os estudantes sejam coautores no processo dinâmico de relações que envolvem o ensino e a aprendizagem”. Ou seja, é por meio deste recurso digital que, como bem destaca Garcia (2013), a utilização das tecnologias na aprendizagem passa a ser um fator de inovação pedagógica, o que possibilita novas alternativas diante das transformações sociais (a exemplo o que houve durante a pandemia de Covid-19 em todo o Brasil).

Evidenciamos em nossa pesquisa que a grande maioria dos alunos relatou profundas dificuldades com relação aos meios tecnológicos e sua aprendizagem durante o período pandêmico. Ainda que existam muitas possibilidades oriundas do uso das tecnologias na educação, devemos nos atentar para o que Barbosa (2021) nos diz acerca dos contratempos pertinentes ao:

[...] ensino remoto, [que] vai desde a falta de universalização de acesso aos recursos tecnológicos, até a falta de proximidade de alguns docentes, que se formaram há alguns anos atrás e não tiveram formação continuada com a apropriação pedagógica nas TDIC, como também o desgaste emocional e mental para ministrar as aulas remotas, muitos professores se encontram com o psicológico abalado, e exaustos com essa prática pedagógica (BARBOSA, 2021, p. 23).

Diante disso, buscamos avaliar a qualidade da aprendizagem desenvolvida nas escolas alvos da pesquisa. Em nosso questionário solicitamos que os alunos quantificassem sua aprendizagem durante o ensino médio, o qual ocorreu no período da pandemia. Em consonância com as respostas disponibilizadas, geramos o seguinte gráfico:



Fonte: O autor (2023)

Evidenciamos percentuais preocupantes: apenas 10% dos alunos tiveram uma percepção de aprendizado superior a 75%, e, por outro lado, 44% dos alunos afirmaram ter aprendido apenas um quarto dos conteúdos que tiveram acesso. Cabe considerar que provavelmente os alunos não tiveram contato com a totalidade dos assuntos presentes em sua grade de conteúdo padrão prevista na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Talvez isso se explique nas palavras de Goldani, Togatlian e Costa (2010, p 13), que afirmam que “a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade”. Assim sendo, entendemos que com uma boa relação com o aluno podemos conseguir uma maior chance de fazê-lo aprender os conteúdos desejados. Em um contexto de ensino remoto (e mesmo híbrido), notamos

que o relacionamento com os alunos ficou em segundo plano, a distância física e o pouco aparato tecnológico disponível foram os principais causadores desta lacuna educacional que mostra seus efeitos até os dias de hoje.

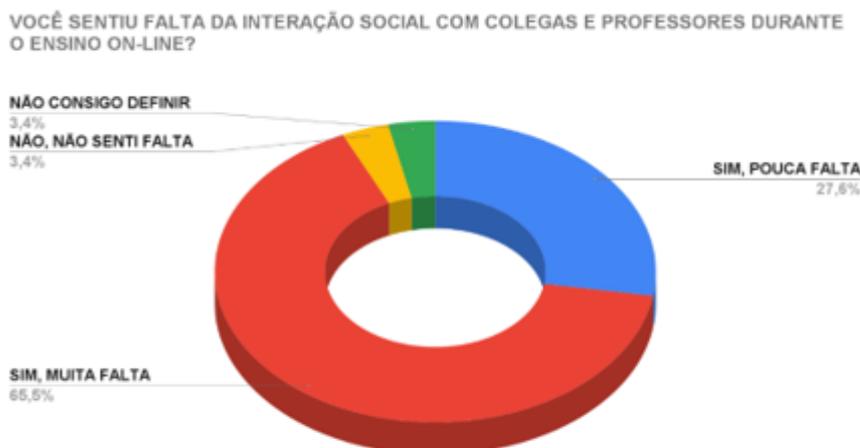
A relação professor/aluno é um dos pontos mais delicados e importantes para a manutenção de uma boa aprendizagem. Destacamos o que defende Libâneo (1994), onde ele nos ensina que o professor não apenas transmite informações ou faz questionamentos, além disso, ele lhes dá atenção, ouve os alunos, cuidando para que se expressem e exponham suas opiniões como indivíduos próprios e conscientes de si e do que devem ser.

Acerca disso, evidenciamos que a falta do contato com os professores, e colegas de classe trouxe prejuízos ao alunado, o principal deles a perda de um diálogo de qualidade. Segundo Paulo Freire:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2000, p. 91).

Em nossa pesquisa ficou claro que a falta de contato afetou os alunos. Eles mesmos demonstraram que sentiram muito a falta de seus professores: 65% deles relataram o mais alto nível de carência disposto na questão formulada. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Falta de interação durante a pandemia



Fonte: O autor (2023)

Constatamos, portanto, que a pandemia afetou os alunos, especialmente de modo negativo e tendo no nosso horizonte a perspectiva da aprendizagem histórica. Podemos perceber que ainda que houvesse limitações impostas pelos desafios da pandemia, a educação pode resistir e superar essa barreira com o que foi viável fazer no momento. Mesmo que tenham havido limitações,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das averiguações aqui desenvolvidas, evidenciamos que a atividade educativa não se fez do modo esperado, em sua totalidade, simplesmente pela introdução dos meios tecnológicos disponíveis como simples recursos. Entendemos que, ainda que a educação tenha superado o momento de pandemia, marcas foram deixadas especialmente no que tange ao aprendizado dos alunos.

Em sala de aula foi observado que os alunos ficaram descontentes com o período que passaram afastados dos professores e sentiram que muitas de suas capacidades foram perdidas durante esse período; compartilham da sensação de que passaram anos sem estudar, mesmo tendo acesso às aulas remotas.

Os alunos envolvidos na pesquisa relataram que realizar as aulas no período pandêmico foi uma experiência diferente do habitual, que, por conta dos recursos limitados, a classificação dessa experiência atingiu níveis regulares de satisfação, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 5 – Aulas na pandemia: um balanço



Fonte: O autor (2023)

Entendemos que para educar, todo processo é codependente da abordagem utilizada, da interação entre o professor e seu aluno e do planejamento para desenvolver a prática de ensino. O processo de ensino-aprendizagem só se desenvolve de forma eficaz quando as condições pré-estabelecidas e, neste caso, relações entre os sujeitos da escola, estão dentro dos níveis aceitáveis; algo que sabemos que não aconteceu durante o auge da pandemia e dos anos subsequentes.

Por fim, ressaltamos que a função do educador no processo de ensino-aprendizagem, como bem defendeu Moran (2015), é de imensurável importância no sentido de que é este profissional que vai criar os caminhos, administrar os processos de aprendizagem, além de articular as estratégias de ensino individual e em grupo dos estudantes, de maneira que melhore e desenvolva o aprendizado – ou a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raissa Meireles da Silva. Contribuições, significados e desafios do ensino remoto junto as aulas de Geografia no município de Guarabira/PB. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas. ROCHA, Daniele Santos. Covid-19 e Educação: Resistências, Desafios e (Im)Possibilidades. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa**, v. 02, p. 01-11, 2020.

BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida et al. Inovações tecnológicas, educação e necessidades do capital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 01, 2020.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Ensino Remoto e extenuação docente. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, 2021.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de implementação de protocolos de retorno das atividades presenciais nas escolas de educação básica**. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/GuiaDeretornodasAtividadesPresenciaisnaEducaoBsica.pdf>. Acesso em: 04 maio 2023.

CAINELLI, Marlene. A escrita da história e os conteúdos ensinados na disciplina de história no ensino fundamental. **Educação e filosofia**, v. 26, n. 51, p. 163-184, 2012.

GADOTTI, Moacir. Informação, conhecimento e sociedade em rede: que potencialidades? **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, n. 23. 2001.

GARCIA, Fernanda Wolf. A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. **Educação à Distância**. Batatais-SP, v. 3, n. 1, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Redoc**, v. 4, n. 2, 2020.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. **Aprendizagem Histórica em Tempos de Pandemia**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 281-298, 2021.

NODA, Marisa; CAINELLI, Marlene. **A escola e o ensino de história: repensando a aula de história em tempos de pandemia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

OLIVEIRA, Elida. **Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa**. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2023.

OLIVEIRA, Antônio Marques de; SILVA, Sirneto Vicente da; CARVALHO, Antônio Marcos Rocha de. Reflexões críticas sobre a proposta de ensino híbrido: entre a aparência e a essência. **Revista Cocar**, v.15, n. 33, 2021.

PARAÍBA. **Diretrizes operacionais das escolas da rede estadual da Paraíba para 2022**. João Pessoa, 2022.

PARAÍBA, Governo Estadual. **Plano Educação para todos em tempos de Pandemia (PET-PB)**. Disponível em:

<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/programas/plano-educacao-para-todos-em-tempos-de-pandemia-pet-pb>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PASINI, Carlos Giovani Delevati [et al]. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)**, 2020.

PINHEIRO, Ana Paula; PINHEIRO, Fernanda. O Uso do Celular em Tempos de Pandemia – Uma Análise da Nomofobia entre os Jovens. **ReTER**, v. 02, n. 03, 2021.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **Revista Docência e Cibercultura**. s.l., 2020. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 06 mai. 2023.

SOUSA, Antonia Daniela de; ADRIÃO, Maria Antonia Veiga. Educação Básica: Ensino Fundamental em tempos de quarentena (Município de Santana do Acaraú – Ceará). Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História – Perspectivas Web, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: ABEH, 2020.

UNESCO. **Educação: do fechamento das escolas à recuperação**. s.l., 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/covid-19/education-response#>. Acesso em: 17 abr. 2023.

!